



Arquivo

Ministro admite que bancos do Kuwait estão temerosos

# Economista adverte para possível asfixia cambial

Da sucursal de  
BRASILIA

O Brasil garantiu o fechamento das contas externas deste ano, mas pode voltar à asfixia cambial em janeiro de 1984, advertiu ontem o professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e diretor do Banco Boavista, Antonio Carlos Lemgruber. Por isso, afirmou, o País deve promover o ajuste de sua economia ainda no primeiro trimestre do próximo ano e partir para a renegociação mais ampla de sua dívida externa, com a inclusão de até metade dos juros exigíveis, "dentro de um clima político e de confiança junto aos credores, bem diferente", sob pena de manter, internamente, a angústia decorrente da crise cambial como fator básico de agravamento da recessão e da especulação.

Lemgruber proferiu palestra — e agradeceu pelo seu tom muito franco — para os funcionários graduados do Banco Central. Para chegar à defesa do refinanciamento automático dos juros — como o País já faz a rolagem direta do principal, admitiu que seria quase uma moratória negociada — na próxima etapa de conversações com os banqueiros, o economista da FGV apontou falhas nas outras cinco alternativas de renegociação da dívida:

"A atual forma de contratação de jumbos periódicos tem contra si os valores de recursos novos subestimados pelos banqueiros e que só servem para pagar os juros aos mes-

mos bancos; a participação voluntária da comunidade financeira no financiamento do déficit de balanço de pagamentos do País está descartada por muito tempo; um país dependente de importações financeiras, sobretudo de petróleo, não pode recorrer à moratória; a negociação de governo a governo, sem os bancos privados, não garante os recursos necessários e, finalmente, ainda soa inviável a proposta do Prêmio Nobel de Economia, Milton Friedman, para que o próprio mercado gire a dívida dos países em desenvolvimento" — observou Lemgruber.

O professor da FGV reconheceu que "os problemas dramáticos" de credibilidade brasileira, agravada pela proximidade da sucessão presidencial, levam os banqueiros a rejeitarem o automatismo do refinanciamento integral dos compromissos externos do País. Por isso, os bancos preferem manter o atual esquema de concessão de jumbos anuais. Disse que o Brasil pode aceitar os jumbos sucessivos como forma de fechar o balanço de pagamentos a cada ano, porém, nessa hipótese, deve exigir volume realista de recursos novos a juros também condizentes com a situação de dificuldade externa.

Mesmo que o País consiga fechar o novo jumbo de US\$ 6,5 bilhões a tempo de obter a antecipação de US\$ 3 bilhões, ainda este ano, Lemgruber afirmou que o problema de caixa poderá retornar em janeiro, caso não haja o acúmulo do mínimo de reservas.